

O MITO DA SOLIDÃO NA POÉTICA DE LUIGI PIRANDELLO E FRANZ KAFKA

Leda Papaleo Ruffo (UFRJ)

O mito da solidão persegue nossos dois autores nos seus respectivos contextos.

Salvatore Quasimodo, poeta italiano, entricheirado na palavra poética define, magistralmente, esse temido percurso humano:

“Ognuno è solo sul cuor della terra
trafitto da un raggio di sole
ed è subito sera”.

Pirandello e Kafka — o mito da solidão entre vida e morte oscilando sempre entre o Bem e o Mal, e pensando um final de século (1867-36; 1883-24) mudando, em todos os seus aspectos, podemos entender o papel do intelectual, perdido no tédio da impossibilidade de participar como até então o fizera. O escritor como voz, caminhava agora à margem do processo mundial no que se referia às mudanças a nível do social, do político, do econômico e até do religioso. Estamos na Europa! Às vésperas de uma guerra e da revolução russa. Os dois acontecimentos são sobre-determinantes, ferem contextos que foram apoiados por uma tradição caduca, acomodada, porém, incoerentemente, totalitária. Tanto é verdade que, após esses dois grandes desestruturadores máximos a explosão totalitária se identifica com o nazismo e o facismo. O silêncio se estabelece. A procura da palavra pura dos herméticos é pura constatação e não contestação. Foi uma tentativa, só uma tentativa... A trincheira dos herméticos passa a ser a fuga das máscaras e dos rótulos, é o artifício. Há um aprisionamento, não há ida porque, também, não há volta... Pirandello, no

seu famoso *Il fu Mattia Pascal*, teoriza essa árdua caminhada do personagem protagonista, prisioneiro no *Il fu*, na incursão a um suicídio que não é o seu, a um nome que não é o seu (Adriano Meis), a uma vida que não é a sua, e que, desgastado e solitário, volta ao paesello que também nunca foi seu, onde visita o túmulo que não é o seu, finalizando o texto na ambigüidade da resposta: “eu sou o falecido Mattia Pascal”. Esse homem “blocato” proíbe a articulação do eu e os outros, dentro de uma sociedade e que é obrigado uso das máscaras. A consciência desse fato proíbe qualquer reação e só permite a *manifestação de ocultação*: a máscara é o artifício como fora a fantasia que tinha a função de impedir que as lembranças que nos afligiam, e adocicar essas lembranças e era ela (a fantasia) construída com base em coisas ouvidas e re-utilizadas num manipular *químico de mistura e amálgama*. Não podemos deixar Freud fora dessa jogada — a psicóanálise teve o papel de nos fazer reler textos e indagar sobre os códigos literários. Não é tudo...

A solidão é uma categoria do ser humano, que se diz sociável. O distanciamento, a fuga inundam a narrativa do entre-guerras. A tradução institucionalizara a sociedade que agora se mascara e se rotula, etiquetada, segundo as funções que deve desempenhar. O silêncio é o grito da ficção no final de 1800 e início de 1900. A fantasia, o super-herói e todas as criações se mostram incompetentes diante do destino traçado. O homem se introspecta, buscando, sozinho, um caminho de fuga. Adriano Meis é fuga, o condenado silencioso de Kafka. Até a barata em Kafka é a fuga mais cruel em sua repelência e nojo.

A monotonia de Mattia Pascal, nas pseudo reações contidas de ser enclausurado, ir vivendo, prende o personagem sem abrigo e que se debate no círculo fatal da vida. A *Colônia Penal* de Kafka é a fotografia do peso da tradição. O alienado condenado participa pela curiosidade infantil e quase canina, da não decodificação das mensagens que machucam o texto com seu silêncio. O ritual deve ser cumprido: a conservação impecável da “máquina de justiça” tem que ser respeitada, o público local deve assistir à aplicação da pena, o funcionamento da máquina deve ser primorosamente acionado e as etapas ajustadas ao sofrimento que gera a morte. A sentença não questionada é silenciosa, não coerentemente há gritos: o condenado recebe uma espécie de chupeta na boca, não há gritos... Tanto Mattia Pascal quanto o condenado estão sós. Com o primeiro a família, a sociedade segue o ritmo da tradição que aprisiona o homem e dita regras. O condenado está tão só que não sabe ser a figura principal do acontecimento que está por vir. O ritual da família e o ritual

da justiça se equivalem. A aridez em Kafka é mais evidente, como se a própria objetividade que a sua vida não tem, devesse sofrer um tributo pesado — o silêncio. Ainda com Kafka, o leitor está diante do texto que, à maneira de um grande empório, mostra a mercadoria exposta e etiquetada, consoante a função. A *máquina* da justiça é personificada e os personagens coisificados diante dela. Comandante e oficial são ponto de ligação para aplicação da justiça... O condenado é uma estranha mercadoria vendida aos leitores que se irritam e se compadecem ao mesmo tempo.

O condenado, como já disse, não sabe que foi condenado, todavia, segundo Kafka, é uma colônia e é penal... alguém deve provar isso... O visitante (explorador convidado) não participando desse mundo contesta... Não adianta... Como o escritor agora, ele não tem voz. O círculo se fechou, ou melhor, nunca houve possibilidade de mudanças. Como nos mostra Pirandello, Mattia Pascal simula um suicídio, apoiado em um suicídio verdadeiro, sai (aparentemente) de seu lugar, “imposta” um nome que não é o seu, uma família que não é a sua, mas volta ao “paesello”. A sociedade não perdoa, “a identidade” deve ser oficializada. Assim, Mattia volta preso no “Il fu”, na sentença que selou o seu destino.

Há nessas obras abertas, com chamadas surrealistas, onde prevalece o psiquismo refreado e pré-censurado, valorizado nos impulsos do inconsciente, na energia dos instintos bloqueados por uma “ética”, na realidade de coação e que, até então limitara as possibilidades vitais do homem, do herói. Daí o declínio da visão trágica, permitindo o aparecimento do anti-herói: Mattia Pascal, o condenado. Nessa criação não há a magia romântica, há um ludismo irônico, há a afirmação da máscara, da etiqueta... da ambigüidade.

BIBLIOGRAFIA

- BOSSCHIGGIA, Elisabetta. Guida alla lettura di Pirandello. Milano, Mondadori, 1986.
- KAFKA, Franz. *A Colônia Penal*. (tradução de Torrietti Guimarães). São Paulo, Livraria Esc. do Livro, 1965.
- PIRANDELLO, Luigi, *L'umorismo*. Milano, Mondadori, 1988.
- PUPPA, Paolo. *Dalle parti di Pirandello*. Roma, Buezoni, 1987.
- QUASIMODO, Salvatore. *Ed fu Mattia Pascal*. Milano, Mondadori, 1986.